

**Eva Batličková**

## **Até a terceira e a quarta geração: a experiência do holocausto como fundamento das teorias de Vilém Flusser**

“O nazismo é a meta da Idade Moderna. Quando a humanidade medieval abandona a catedral para adentrar ao mundo imanente, era em direção ao nazismo que se dirigia.”

Vilém Flusser

### **1. Prólogo**

A experiência pessoal como ponto de partida de um método filosófico é consagrada pela fenomenologia e sua cria, o existencialismo. Quando Heidegger justifica a excepcionalidade do homem entre todos os entes, parte do pressuposto de que ele é o único que se interessa e se preocupa pelo seu ser. Na sua terminologia, designa-o como *pre-sença* (*Dasein*), um ente que se relaciona com o seu ser através da inserção no mundo. “[...] a pre-sença tem a tendência de compreender seu próprio ser a partir daquele ente com quem ela se relaciona e se comporta de modo essencial, primeira e continuamente, a saber, a partir do mundo.” (Heidegger, 2000: p. 43)

Hannah Arendt transfere o método existencialista do seu mestre ao plano político, criando o termo *experiência do pensamento*, que pode ser adquirida apenas através da prática e de exercícios, assim como qualquer outra experiência. Nesse sentido, a filósofa diferencia esse tipo de pensamento dos outros processos mentais como dedução, indução ou extração de conclusões que podem ser simplesmente aprendidas. Para ela “[...] o próprio pensamento emerge de incidentes da experiência viva e a eles deve permanecer ligado, já que são os únicos marcos por onde se pode obter orientação.” (Arendt, 2014: p. 41)

Os princípios filosóficos que encontramos na obra de Flusser seguem na mesma direção. Num dos seus textos publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em 19/8/67 e denominado *Ensaíos*, o autor diferencia dois tipos de estilo ao qual um filósofo pode recorrer. Um define como acadêmico, outro como vivo; o primeiro resulta em tratados, o segundo em ensaios.

“Direi que a escolha entre fazer um tratado e um ensaio é uma decisão existencial no sentido estrito do termo. Marcará a minha atitude perante o meu assunto e perante os que lerão o meu trabalho, “os meus outros”. No caso do tratado, pensarei meu assunto e discutirei com os meus

outros. No caso do ensaio, viverei meu assunto e dialogarei com os meus outros.” (Flusser, 1998: p. 94,95)

Flusser sempre ficou fiel ao estilo vivo, expressando suas ideias em ensaios. “O ensaio não é a articulação de um pensamento apenas, mas de um pensamento como ponta de lança de uma existência empenhada. O ensaio vibra com a tensão daquela luta entre pensamento e vida, e entre vida e morte.” (Ibid: p. 96)

Meu breve artigo pretende mostrar que a experiência que profundamente marcou o pensamento de Vilém Flusser e que está inerente a suas obras, é a experiência do holocausto; da Shoá em hebraico, a catástrofe. Embora o filósofo tenha perdido todos os seus parentes próximos nos campos de concentração, está longe de se colocar no lugar da vítima. “Estava lá e presenciei tudo. Não tenho desculpa.” (Flusser, inédito: p.227) Escreve em *Até a terceira e a quarta geração*, um dos seus primeiros textos até hoje inéditos. “Não podemos tentar descrever o nazismo como se fôssemos tratar dos mitos e costumes dos aborígenes australianos. Participamos todos da responsabilidade do nazismo, porque somos espíritos informados pelas mesmas tendências que informaram os nazistas.” (Ibid.: p.229) A monografia dedicada à análise do problema do nazismo como um complexo problema da civilização ocidental, será examinada mais detalhadamente.

## 2. Origens

*Até a terceira e a quarta geração* é um dos textos chave de Flusser por uma série de motivos. Além de se tratar de seu texto mais extenso, de 336 páginas datilografadas, suas origens remetem aos primórdios da sua escrita ensaística.

A primeira referência a respeito do manuscrito, encontramos em março de 1965, no primeiro número da revista *Cavalo Azul*, um projeto concebido pela poetisa Dora Ferreira da Silva. Nela foram publicados os dois primeiros subcapítulos do primeiro capítulo *A Sé*, precisamente: *A Escola* e *A Alquimia*. O título usado para fins da publicação na revista, *Até a terceira e a quarta geração*, acompanha uma nota de rodapé: “Título provisório do livro inédito de Vilém Flusser, cujo primeiro capítulo é aqui publicado.” Sabemos, assim, que no início de 1965, o livro estava concluído. Na segunda metade da década de sessenta, houve um sério interesse editorial pela publicação da monografia. Em 8.12. 1967, o filósofo escreve para o professor Leônidas Hegenberg, do departamento de Humanidades do ITA: “Meu livro *Até a terceira e a quarta geração* (história subjetiva da ontologia moderna) será editado pela Grijalbo no âmbito da Editora

Universitária.” E entre os documentos pessoais de Flusser encontra-se o currículo datado de 31.3.1968, no qual o autor lista o manuscrito como no prelo pela Editora Universitária.

A publicação esperada não aconteceu. Talvez pelo fato de que o texto foge completamente ao padrão dos ensaios lúdicos e elegantes com os quais o pensador fazia sucesso naquela época.

Uma breve análise do manuscrito em questão já mostra uma série de peculiaridades que compartilha com os primeiros textos inéditos de Flusser da década de 50. O projeto da primeira monografia sobre a história do pensamento do séc. 18 (concebido em alemão como *Die Geistesgeschichte des 18. Jahrhunderts*), que estava sendo elaborado em 1951 foi abortado, no entanto, há uma série de referências a ele nas cartas que Flusser escrevia para seus pares intelectuais, Alex Bloch e o primo David Flusser e para algumas editoras. Assim podemos ler na carta datada de 2 de maio de 1951 endereçada a Alex Bloch sobre o método que Flusser aplica a seu livro: “Para ser metódico, é importante escolher qualquer período da história, por exemplo o século 18, e a partir dele procurar expandir o campo da visão.”<sup>1</sup> Para a editora da Columbia University, escreve na mesma época: “O século 18 parece ser tanto o clímax como o começo do declínio da civilização europeia, por isso estou planejando um livro sobre o pensamento do século 18 visto da nossa posição atual.”<sup>2</sup>

Flusser jamais concluiu esse projeto e começou a trabalhar em outros. Parece, no entanto, que em vez de abandoná-lo, deixou-o amadurecer. Alguns anos mais tarde, inicia um longo trabalho, dessa vez em um manuscrito em português. Seu tema central é a “velha” busca das raízes históricas do declínio da civilização ocidental. O que muda é apenas a escolha do período histórico a partir do qual se pretende expandir a visão sobre este processo. O Iluminismo como o ponto de partida para o *A história do pensamento do século 18* é substituído pelo Renascimento, época da transição das estruturas medievais para as modernas. Assim nasce *Até a terceira e a quarta geração*. “Quando a humanidade medieval abandonou a catedral para adentrar o mundo imanente, era em direção do nazismo que se dirigia. Ao ter abandonado a cruz que sustentava o Salvador que carregava os pecados do mundo, já escolheu a humanidade, sem sabê-lo, a cruz gamada que simboliza os pecados do mundo. É neste espírito subjetivo e carregado de sensação de responsabilidade que devemos tratar o nazismo.” (Flusser, inédito: p.229)

O texto apresenta algumas semelhanças também com outro trabalho concebido na década de

---

<sup>1</sup> “Um ihn methodisch zu planen, muss man sich einen beliebigen Ausschnitt aus der Geschichte wählen, zu Beispiel das 18. Jahrhundert, und versuchen, von diesem Angriffspunkt aus, das Sichtfeld zu erweitern.” (apud. Guldin, FS 20: p. 2)

<sup>2</sup> “The eighteenth century seems to be at the same time the climax and the beginning of the decline of European civilisation and I am therefore planning a book on 18th century thought as seen from our present position [...]” (apud. Guldin, FS 20: p.3)

50. Trata-se do extenso texto em alemão *Das Zwanzigste Jahrhundert* com o subtítulo *Versuch einer subjektiven Synthese*, em português: *O século XX: Busca de uma síntese subjetiva*, primeira monografia concluída por Flusser, provavelmente em 1957.<sup>3</sup> Além do subtítulo que lembra a expressão com a qual o autor aproxima *Até a terceira e a quarta geração* ao professor Hegenberg, “história subjetiva da ontologia moderna”, o estilo de dois trabalhos tem muitos pontos comuns. Rainer Guldin descreve o estilo de *Das Zwanzigste Jahrhundert* como um laboratório no qual o autor experimenta várias formas. (Guldin, FS 20: p. 24) No decorrer da leitura de *Até a terceira e a quarta geração* adquirimos a mesma impressão: passagens poéticas de linguagem exuberante com imagens emotivas são intercaladas por análises objetivas; páginas repletas de termos religiosos com forte apelo moral são seguidas por reflexões filosóficas *stricto sensu*; o ponto de vista objetivo cede o lugar ao subjetivo, etc.

Embora não seja possível determinar com exatidão a data da elaboração do livro, encontramos uma série de evidências de que a concepção de *Até a terceira e a quarta geração* ganhava forma já na primeira década do pós-guerra e que junto com *Das Zwanzigste Jahrhundert* participa da herança do projeto de *A história do pensamento do século 18*.

### 3. Até a terceira e a quarta geração

Deixemos de lado o contexto histórico da escrita e nos voltemos ao livro em si. O título do livro *Até a terceira e a quarta geração* se inspira no versículo do Êxodo, 20:5<sup>4</sup>, que Flusser interpreta em forma de uma epígrafe situada na página de sumário. “Visitarei as transgressões até a terceira e a quarta geração daqueles que Me aborrecem.” Na mesma página encontramos mais uma epígrafe: “E, a despeito de tudo, move se!“, a lendária frase de Galileu Galilei, supostamente proferida na saída do tribunal da inquisição onde foi obrigado a renunciar às suas posições científicas para preservar a integridade física. As duas frases que introduzem a atmosfera do ensaio mostram a dinâmica na qual vai se desenvolver: a tensão entre religião e ciência. Ciência como uma espécie de religião moderna, uma devoção privada do transcendente, despertando o ciúme do Deus bíblico com todas as consequências para a humanidade.

O parágrafo que introduz o livro está bastante claro: “Os mensageiros do Senhor adoram a

<sup>3</sup> Carta a David Flusser, 12.7.1957

<sup>4</sup> “Não te prostrarás diante desses deuses e não os servirás, porque eu, Iahweh teu Deus, sou um Deus ciumento, que puno iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e a quarta geração dos que me odeiam, [...]” Bíblia de Jerusalém, Paulus, 2011.

suavidade do Seu dia. Nós, os da terceira e da quarta geração, tememos o trovão de Sua ira. O seu surdo ressoar vibra nos ares e nos nossos ouvidos. *Pressagia o dies irae*. O mundo será dissolvido em cinza. Que faremos, miseráveis? O presente livro não procurará formular respostas a esta pergunta. Procurará articular a pergunta. Tentará tornar dizível o terror indizível.” (Flusser, inédito: p.1)

Como já comentamos, o tema central do ensaio é a tentativa de compreender historicamente a transformação dos valores da civilização ocidental, que desembocou, em sua forma mais gritante, nas atrocidades no nazismo.

As origens desse movimento histórico o autor encontra na Renascença, quando a humanidade dá as costas à catedral e sai rumo ao mundo imanente. (Flusser, inédito: p. 32-35) Naquele momento, continua Flusser, iniciou-se o paulatino esvaziamento da dimensão transcendental e, conseqüentemente, a perda do senso da própria realidade. Desde lá a humanidade procura uma alternativa que a substitua. A estrutura do livro corresponde às quatro fases históricas da busca da realidade perdida que o filósofo denomina de *gerações*, cada uma com seu clima existencial: a primeira geração cabe na época do Renascentismo, a segunda abrange os períodos do Barroco e do Romantismo, a terceira geração inicia seu caminho na época vitoriana e o encerra na Segunda Guerra Mundial; a última, quarta geração, entra ativamente na história na época do pós-guerra. Devido ao fato de que essa história é contada como a renúncia da dimensão sagrada na vida humana, Flusser chama essas gerações, respectivamente de culpa, maldição, castigo e penitência. Percebemos um claro paralelo com a estrutura do outro livro *A história do diabo*, na qual as fases históricas do progresso da sociedade são denominadas de acordo com os pecados capitais, sendo entendidas as etapas do progresso como passos que afastam a humanidade do paraíso perdido e com ele, de Deus. Vale ressaltar que, embora o livro tenha sido publicado em português só em 1965, seu original alemão estava pronto e oferecido para editoras no exterior já em 1959.<sup>5</sup>

Conforme a fé vai sendo vagarosamente vencida pela razão, a consolidada dimensão do sacro será substituída pela realidade material e objetiva. A vinda da segunda forma da apreensão do mundo destruiu as certezas da primeira, e com ela as certezas do mundo em si. A realidade torna-se relativa e flexível e os valores manipuláveis. O homem medieval está abrigado na fé, o homem moderno na dúvida. A dúvida, porém, como um motivo vital é uma tendência suicida. (Flusser, inédito: p. 67). Também esse tema Flusser desenvolve em um outro ensaio, *A Dúvida*, monografia escrita na primeira metade da década de 60 e publicada apenas depois da morte do autor. Nesse texto, tematiza a dúvida radical que nasce da intelectualização progressiva do pensamento,

---

<sup>5</sup> Carta a David Flusser, 5.3.1959.

levando a humanidade ao esvaziamento da realidade.

A reprovação do mundo material ao qual o homem se entregou, o autor expressa em sua terminologia. Ele alega de que sem a fé, o homem concentra-se nos objetos com a promessa de serviço que o filósofo rotula como “objetos prostituídos”. (Ibid: p. 60) O homem renascentista coleciona objetos inventados por ele - os instrumentos - e deles articula um mundo da segunda ordem. Assim emerge o mundo da tecnologia, o mundo instrumentalizado dos objetos. A transformação da realidade exige a transformação do próprio homem. O novo ideal torna-se o homem trabalhador, um homem que funciona. Um inventor renascentista é um funcionário *in statu nascendi*. (Ibid: p. 63). Notemos que o conceito de *funcionário*, o termo chave para seus textos da década de 80, adquiria claros contornos já nessa época. A mesma coisa vale para o de *aparelho*, como veremos mais adiante.

O filósofo prossegue em sua análise rumo ao Barroco. A religiosidade dessa época considera-se invadida pelos objetos a tal ponto, que até ela passou a se articular na ciência. O mundo começa a ser racionalizado, matematizado e geometrizado. O Barroco criou uma sociedade razoável, administrada pela razão. Ela funciona automaticamente em forma de um mecanismo que atribui a toda atividade uma quantidade de dinheiro equivalente ao valor dessa atividade. (Ibid: p. 102) O valor passou a se dar no terreno profano. Para o autor, a maior responsabilidade do Barroco consiste na desnaturalização da vida e racionalização dos instintos. O que ficou despercebido, porém, é o fato de que a natureza e a razão, *res extensae* e *res cogitans*, não passam de ficções do pensamento cartesiano. “A civilização racional do século 18 é tão fictícia quanto o é a barbárie do século 20 e a barbárie do século 20 é a consequência inexorável da civilização do século 18. São duas fases da mesma maldição que pesa sobre nossa civilização desde o Renascimento.” (Ibid: p. 113)

No Romantismo, o mundo material tomou conta da civilização ocidental com plenas forças, vindo à tona que a ciência não é mais uma pesquisa do ser, mas o método de realizar as virtualidades. Para Flusser, a realidade é substituída pela realização. (Ibid: p. 122,123). Nessa época surgiu um outro fenômeno corresponsável pelas perversidades do século 20: o nacionalismo. Para o autor, o nacionalismo, nascido no romantismo durante o século 19, tornou-se uma espécie de religião. Os partidos se parecem com seitas da Reforma. “A reviravolta do Romantismo em direção ao nacionalismo é uma das formas mais nefastas de fuga do centro perdido.” (Ibid: p. 139)

Flusser dedicou algumas páginas ao tema do nacionalismo já em *A história do diabo*, na qual define o nacionalismo como luxúria elevada ao nível da realidade social. “O nacionalismo é luxúria inteiramente libertada. Se a mente for possuída inteiramente por nacionalismo, devemos

dizer que foi possuída inteiramente pelo diabo. O nacionalismo é uma das vitórias mais impressionantes do diabo, em todas as suas características diabólicas em grau elevado. [...] Mas o povo é um conceito sem fundamento, e nada posso reconhecer nessa ficção deliberada. Tentativas de fundamentar o povo, empreendidas por diversas ciências, e pela vivência romanticamente poética, são todas tentativas 'ad hoc' construídas. O 'povo' não passa de um chavão barato.” (Flusser, 2005: p. 85)

A Bíblia anuncia que as transgressões contra Deus são seguidas pelo castigo divino. Para Flusser, em *Até a terceira e a quarta geração*, o castigo chega na forma das guerras do século vinte. A Primeira, como um prelúdio para a Segunda. A Segunda Guerra Mundial o autor chama de eterno retorno: eterno retorno do fundamento bestial que se esconde no homem. “Isto pode acontecer sempre porque é isto que sempre acontece. É o eterno retorno. É a meta do progresso.” (Flusser, inédito: p.228)

Logo no início do capítulo sobre o ano 1940, Flusser salienta a mudança de seu método. Até lá, ele empregava um método comparativo em sua análise, pelo qual buscava atingir a objetividade. Para descrever a Segunda Guerra, esse método falha. Para o filósofo, esse momento histórico está mergulhado na subjetividade e ser objetivo perderia autenticidade. (Ibid: p. 227) Ele se insere na estrutura do livro como representante da geração da penitência. “Se procuro conceber a atualidade num contexto histórico, isto é, se a projeto do instante para o passado, estou com efeito projetando a atualidade do instante para o futuro. Mas onde estou nesse processo todo? Eis a pergunta perturbadora. Aonde me encontro? Pois a resposta me parece ser esta: projeto a atualidade do presente para o passado para encontrar-me a mim mesmo no futuro. Esta última parte do livro, mais que as demais, é uma procura de mim mesmo, movida pela esperança de encontrar-me a mim mesmo no futuro.” (Ibid: p. 256)

Flusser caracteriza a geração da penitência como sobreviventes “do banho de sangue” (Ibid: p. 253). A eles cabe a tarefa fundamental: buscar o sentido no que aconteceu: “Fomos vomitados, todos nós, pelo inferno para as praias do futuro. E é nosso propósito na vida descobrir porque isto se deu, para darmos significado ao drama ao qual escapamos. Somos, nós da quarta geração, os pesquisadores do nosso castigo. Somos aprendizes da ira divina. [...] Somos todos emigrantes e imigrantes. Somos uma geração derrotada a fim de ser pioneira.” (Ibid: p. 253, 254)

O autor assume seu papel de testemunha com todas as consequências morais. Seu livro é um contraponto deliberado da análise objetiva da situação histórica abordada. Ele é um depoimento existencial, depoimento filosófico emerso da necessidade de entender o que aconteceu. A perda da realidade não é questionada no sentido ontológico no texto de Flusser, ela é entendida como

um problema ético fatal. Sua teoria é prática, ética, engajada. Seu objetivo é formular uma advertência para a humanidade. Sua mensagem é um imperativo moral: o dever de sua geração, geração da penitência, é não permitir que se repitam novamente os “eternos retornos”.

Depois de um “diagnóstico” assumidamente subjetivo da nossa situação histórica, o autor oferece uma solução. A salvação consiste em uma nova teoria da linguagem. Sua teoria da linguagem está estreitamente ligada com o conceito do aparelho. No contexto do livro, o aparelho é considerado um dos castigos divinos, um castigo que consiste na encarnação de Deus em aparelho. A partir desse momento o progresso da civilização ocidental realiza-se então em forma do nazismo e stalinismo, seu ideal humanista adquire a forma do funcionário perfeito Eichmann, e a vitória do imanente sobre o transcendente foi conquistada pelo Cyclon B. (Ibid: p. 220) Para Flusser, porém, havia um profeta que previa as consequências da sociedade burocrática. Era Franz Kafka. “Era profeta no sentido bíblico do termo. E como tal concordava com a justiça do castigo. A transformação do homem em verme ou em cafetão da morte, essa derradeira dissolução da dignidade humana, Kafka vivenciava diariamente. O campo no qual Kafka cavava sua cova, já era o campo da concentração das forças Divinas que se abatem, qual aves rapinas, sobre a humanidade culposa.” (Ibid: p. 220, 221)

Sua reforma linguística de *Até a terceira e a quarta geração* parte do pressuposto de que nossa língua não articula mais a realidade e só existe em função do aparelho; nossa língua tornou-se redundante e precisa ser abandonada. (Ibid: p. 324) O contraponto dessa linguagem comprometida pelo aparelho é, na terminologia de Flusser, o nome próprio. O nome próprio, para o filósofo, surge num ato criativo pelo qual a realidade fundante se articula. “O nome próprio é um grito espantado pelo qual o encoberto se descobre a si mesmo. O nome próprio é o ato pelo qual a virtualidade inarticulada se estabelece em realidade.” (Ibid: p. 326)

Nesse contexto o autor diferencia entre dois tipos de língua, a inautêntica dos aparelhos que precisa ser rejeitada, e a poética, a autêntica, que nasce da atividade criativa humana. Embora as línguas concretas estejam longe de ser um tipo de *alétheia* grega, um instrumento da revelação e, pelo contrário, tendem a encobrir a realidade que é o paradoxo do próprio pensamento, não podemos entregá-las ao poder do aparelho: “Sinto que há em mim uma abertura pré-linguística, pela qual comungo com o inarticulado. Uma abertura que a Idade Moderna procurou fechar, e que o aparelho atual está fechando, mas que ainda persiste, desde que a procure. Que as portas da ‘Lei’ estão abertas, como nos diz Kafka, e que a história do pensamento é mais que uma coleção de feridas adquiridas ao lançarmo-nos contra a parede da língua, como Wittgenstein quer fazer crer seus leitores.” (Ibid: p.327)



A luta contra o aparelho consiste no desenvolvimento do potencial poético da língua. Daí, o funcionário do aparelho é entendido como um ser fechado contra a vibração poética. A língua dos funcionários é composta de substantivos que lhes são fornecidos pelo aparelho. (Ibid: p. 328). É imprescindível demitir-nos do aparelho, parando de usar esse tipo de palavras por ele impostas. Flusser conclui que é imprescindível passar pelo terreno de uma teoria da língua para resgatar a realidade concreta novamente. “Para mim é a única passagem que eu vislumbro. Vejo o aparelho como sistema linguístico a fechar-me e vejo uma nova teoria da língua como a abertura pela qual posso escapar do cerco.” (Ibid: p.329)

Para o filósofo, o grande problema da humanidade do pós-guerra é sua alienação do fundamento que parte da nossa “dignidade ontológica de seres inteiramente incondicionados”. (Ibid: p. 335) Se nada for feito, passaremos a ser seres inteiramente condicionados pelo aparelho. Nos transformaremos em funcionários, vivendo em função de aparelhos, que para ele é morte em vida. (Id.)

#### 4. Muito mais de que uma teoria

Um dos traços fortes da escrita de Flusser é a busca por discursos alternativos ao da ciência ocidental, que enclausura os temas analisados a um ponto de vista limitado. O fato de optar pelo discurso religioso no texto *Até a terceira e a quarta geração* não é casual, já que as atrocidades da Segunda Guerra geram um grave problema moral para a sociedade moderna como um todo. No entanto, justamente a dimensão moral é uma das dimensões propositadamente suprimidas pelo discurso científico *stricto sensu*.

Por outro lado, há pensadores que enfrentaram o tema do holocausto e da sociedade moderna em toda sua complexidade dentro dos limites do discurso científico. Uma das maiores referências nesse sentido é, sem dúvida, Hannah Arendt, que levou o problema do nazismo ao campo da filosofia política. Sua reportagem filosófica sobre o processo de Adolf Eichmann em Jerusalém, que saiu com subtítulo “um relato sobre a banalidade do mal”, gerou uma onda de polêmicas no início da década de 60. Entretanto, foi exatamente esse seu trabalho que teve o papel fundamental na ampliação do contexto do fenômeno do holocausto e sua consolidação como um problema que precisa ser tratado no contexto da dinâmica da sociedade ocidental.

Em 1989 foi publicado o livro *Modernidade e holocausto*, de Zygmunt Bauman, sociólogo de origem judaica proveniente da Polônia. Ele tematiza o problema da moralidade da sociedade moderna com posições próximas às de Arendt em seu relato sobre a banalidade do mal. Com

mais de 25 anos de diferença da publicação entre os dois textos, o livro de Bauman não apenas não encontrou qualquer resistência considerável, como foi premiado como melhor livro europeu de sociologia do ano.<sup>6</sup> Vejamos como o sociólogo polonês descreve a tendência da supressão da dimensão moral da vida na cultura dominada pela ciência, tecnologia e burocracia. “A importância – e o perigo – da indiferença moral tornam-se particularmente agudos na nossa moderna sociedade industrial racionalizada, tecnologicamente eficiente, porque em tal sociedade a ação humana pode ser efetiva à distância e a uma distância sempre crescente com o progresso da ciência, da tecnologia e da burocracia. Em tal sociedade, os efeitos da ação humana alcançam muito além do “ponto de desaparecimento” da visibilidade moral.” (Bauman, 1998: p. 222)

Podemos perceber que o que Flusser denomina de alienação do fundamento dos seres incondicionados e de seu condicionamento pelo aparelho, Bauman relaciona à vedação da visão do homem a respeito das consequências de seus atos, facilitando sua manipulação.

O sociólogo traz um exemplo no caso do técnico alemão Willy Just, que na Segunda Guerra Mundial dedicou-se à melhoria de camionetas de gás, que apresentavam uma série de disfunções nos terrenos acidentados da Rússia. O relatório elaborado pelo técnico conta com termos como carga, operação, fluidos finos e mais espessos, embora seja claro para qualquer leitor que a carga são seres humanos à beira da morte, que perdiam o controle do próprio organismo. (Ibid: p. 227) Bauman mostra como a linguagem técnica e abordagem burocrática permitem a uma pessoa muito provavelmente sem qualquer traço patológico participar de um projeto do assassinato em massa destituído de qualquer remorso moral. O técnico alemão é apenas um exemplo de como a dinâmica da sociedade moderna, estreitamente ligada com a linguagem e forma da comunicação funcionais, consegue privar as pessoas da responsabilidade moral pelos seus atos. Fato que pode desencadear grandes tragédias no qualquer lugar do mundo.

Para Flusser, a experiência do holocausto não foi apenas um ponto de partida de suas teorias. Ela era uma preocupação constante que permeava, em grau variado, a maioria de seus trabalhos. Um dos textos mais citados nesse contexto é o ensaio *O chão que pisamos*, que introduz sua coletânea *Pós-história*, publicada no mesmo ano de *Filosofia da caixa preta*, 1983. “Auschwitz não é infração de modelos de comportamento ocidental, é, pelo contrário, *resultado da aplicação* <sup>7</sup> de tais modelos. A nossa cultura deixou cair sua máscara mistificadora em Auschwitz, e mostrou seu verdadeiro rosto. Rosto de monstro objetivador do homem. A nossa cultura mostrou que deve ser rejeitada *in toto*, se admitirmos que o propósito de toda cultura é permitir a convivência de

---

<sup>6</sup> Em 1989 o livro *Modernidade e Holocausto* recebeu o prêmio Amalfi concedido ao melhor livro de sociologia publicado na Europa.

<sup>7</sup> Grifado por Flusser.

homens que se reconhecem mutuamente enquanto sujeitos.” (Flusser, 2011b: p. 23)

Há também documentos de caráter pessoal, cartas trocadas com os amigos próximos, que demonstram a presença da dolorosa memória do holocausto. Uma delas foi postada no final de 1989. Nesse ano, em novembro, Vilém Flusser sofre um forte ataque de asma, fica quatro dias em coma e três semanas no hospital. Às vésperas do Natal, em 23 de dezembro, escreve uma carta a Milton Vargas, ainda durante sua recuperação numa clínica em Davos, nos Alpes suíços. Nela Flusser conta de sua experiência com a morte clínica e sua decisão de escrever “o livro judeu”: “Por que o livro judeu depois da experiência da morte? Porque a dignidade humana é a tentativa de superar as condições dentro das quais fomos lançados sem termos sido consultados, e porque o judaísmo é uma de tais condições a serem ultrapassadas. Mas há Auschwitz (coisa insuperável). Quando cheguei a mim depois de 4 dias de morte clínica, vivenciei a surpresa indigestível: como e porquê Auschwitz? Para falar contigo: qual o sentido disto? O livro projetado é, entre outras coisas, confissão de tal sem sentido (que Ele escondeu Sua face).”

Flusser jamais concluiu seu livro judeu. Preservou-se apenas uma introdução com o título *Até a terceira e a quarta geração* com o subtítulo *Mohicanos*. O filósofo escreveu em alemão e traduziu o texto ao português para enviá-lo a seu amigo brasileiro em 1.1.1990. “Para poder negar sua condição é necessário primeiro admiti-la. Se não admitirmos sermos mamíferos e insistirmos querer ser aves, jamais voaremos. [...] O presente texto procurará considerar a condição de ser judeu praguense. [...] Deverá procurar assumir plenamente tal condição, antes de tentar superá-la. [...] o texto não deve ser autobiografia. Ser judeu de Praga não deve ser problema a ser analisado introspectivamente. O texto deve partir do seu autor em direção dos poucos sobreviventes e numerosos mortos, a fim de assumir o problema intersubjetivamente.”

O círculo da obra de Flusser se fecha. O tema “dos poucos sobreviventes e numerosos mortos” permaneceu vivo e o título bíblico que expressa o terror e a tragédia fatal daqueles que sobreviveram “ao banho de sangue” junto com ele. Durante quarenta anos de sua carreira ensaística, o problema se ramificou, adquiriu diversas formas e resultou em inúmeros textos. Os ensaios, porém, não carregam o tema da Shoá explicitamente. A experiência transformou-se em um pano de fundo do qual brota o engajamento infatigável em prol da dignidade humana e da liberdade do pensamento.

Na obra de Vilém Flusser podemos presenciar um importante movimento contra a historiografia do pós-guerra em serviço da parte vitoriosa do maior conflito bélico do século XX. A historiografia que tendeu a reduzir o contexto do holocausto em nazistas alemães perversos de um lado, e os judeus como suas vítimas do outro. Mas Flusser se recusa de aceitar o imposto papel da vítima tanto para si como para a sua geração. Assumindo a responsabilidade na cultura

da qual participa, as supostas vítimas deixam seu lugar passivo e recuperam seu potencial ativo não só em relação com a história, mas principalmente com o futuro. Relativização do bem e do mal das pessoas envolvidas nessa barbárie, passividade das vítimas e atividade dos carrascos, ajuda a desnudar o poder destrutivo da dinâmica cultural à qual a civilização ocidental se entregou há séculos. Torna-se evidente que o problema do nazismo e do holocausto não foi resolvido de uma vez por todas nos tribunais do Nuremberg. Ele continua vivo como um elemento intrínseco à nossa cultura, o que comprovam tanto as bombas atômicas lançadas nas cidades japonesas e os campos de gulag na Rússia na história da guerra e no pós-guerra, como as “missões da paz” que deixaram milhares de mortos e regiões inteiras desestruturadas e propícias a enormes genocídios na história recente.

## Referências bibliográficas

- Arendt, H. (2008) *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, trad. J. R. Siqueira, Companhia das letras.
- Arndt, H. (2014) *Entre o passado e o futuro*, trad. Mauro W. Barbosa, Perspectiva, SP.
- Bauman, Z. (1998) *Modernidade e holocausto*, trad. M. Penchel, Jorge Zahar, RJ.
- Bíblia de Jerusalém (2011) *Paulus*, São Paulo, 7ª impressão.
- Flusser, V. (2011a) *A dúvida*, Annablume, SP.
- Flusser, V. (2011b) *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*, Annablume, SP.
- Flusser, V. (2002) *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma filosofia da fotografia*, Relume Dumará, RJ.
- Flusser, V. (2005) *A história do diabo*, Annablume, SP.
- Flusser, V. (1998) *Ficções filosóficas*, Edusp, SP.
- Guldin, R. (2015) *Flusser Studies 20: “Ich habe gegen Pathos zu kämpfen gehabt [...]” Zur Entstehung und Bedeutung von Vilém Flussers Das Zwanzigste Jahrhundert. Versuch einer subjektiven Synthese.*
- Heidegger, M. (2000) *Ser e tempo*, trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback, Editora Vozes, Petrópolis.

## Material inédito

Flusser, V. – Até a terceira e a quarta geração, inédito.